

O MUNDO

Ian Paisley

• É presidente do Partido Unionista Democrático (DUP, na sigla em inglês). Nascido em 1926, tornou-se pastor aos 20 anos e logo entrou para a política. Anticatólico fervoroso, sempre pregou a supremacia protestante no Ulster e, nos anos 60, promoveu uma série de manifestações contra o Exército Republicano Irlandês (IRA) até fundar o DUP, em 1971. É conhecido por seu radicalismo: é contra bebidas alcoólicas, gays e chamou o Papa João Paulo II de anticristo. Nunca havia aceitado negociar com os republicanos, mas, com o desarmamento do IRA, permitiu que os unionistas o fizessem nos últimos anos. Concordeu em compor o novo governo em março.



Martin McGuinness

• Líder do Sinn Féin, o braço político do Exército Republicano Irlandês (IRA). Nascido em 1950, entrou para o IRA aos 20 anos, tornando-se um dos comandantes do grupo. Trabalhou com Gerry Adams para solidificar a base de apoio do Sinn Féin, que se tornou o maior grupo nacionalista da Irlanda do Norte. McGuinness foi um dos principais negociadores do Acordo da Sexta-Feira Santa para acabar com os conflitos armados, em 1998. Em 1997, foi eleito para o Parlamento britânico, mas recusou-se a ocupar o cargo e prestar juramento à Coroa. Negou uma acusação, feita por um tablóide, em 2006, de que teria trabalhado para a inteligência britânica.



CENA INÉDITA: o novo ministro-chefe, o pastor Ian Paisley (à esquerda), dá gargalhadas ao lado de seu vice, o católico Martin McGuinness na cerimônia em Stormont

Inimigos se unem na Irlanda do Norte

Católicos e protestantes dão passo histórico e superam divergências para formar governo de coalizão

Fernando Duarte
Correspondente • LONDRES

Após décadas de violência e hostilidades por diferenças religiosas e políticas, a Irlanda do Norte deu ontem o seu maior passo rumo à normalidade com a instalação de um governo conjunto, formado pelo Partido Unionista Democrático (DUP), protestante e defensor da permanência no Reino Unido, e o católico Sinn Féin, favorável à integração com a República da Irlanda. Numa histórica cerimônia realizada no Palácio de Stormont, sede da Assembleia da Irlanda do Norte, o pastor Ian Paisley, líder do DUP, foi empossado como ministro-chefe, tendo como vice o ex-guerrilheiro católico Martin McGuinness, número dois do Sinn Féin.

— Hoje, não estamos fazendo propaganda, mas História. Acredito que estamos num caminho que nos levará para a paz e a prosperidade. Temos que superar as dificuldades para conseguirmos cumprir nossos objetivos — disse McGuinness durante a cerimônia de formação do governo.

A transferência pacífica da autonomia regional (Londres até então controlava diretamente a província) começou a se tornar realidade no final de março, quando Paisley e o líder do Sinn Féin, Gerry Adams, se reuniram para divulgar um acordo político que deu origem ao Gabinete anunciado ontem.

Entre as décadas de 70 e 90, mais de 3.500 pessoas morreram em confrontos e atos de terrorismo que não se limitaram às fronteiras da Irlanda do Norte e que, em 1984, por muito pouco não resultaram na morte da então primeira-ministra Margaret Thatcher. O último incidente foi o aten-



A PRIMEIRA REUNIÃO da Assembleia da Irlanda do Norte, após transferência da autonomia regional, dada por Londres

tado de Omagh, em 1998. No entanto, nem o avanço posterior das negociações para o desarmamento de milícias como o Exército Republicano Irlandês (IRA) foi suficiente para desatar o nó da desconfiança entre ambas as partes.

A Assembleia, por exemplo, foi dissolvida em 2002, por conta de acusações de espionagem envolvendo o Sinn Féin. Desde então, a Irlanda do Norte vinha sendo administrada diretamente por Londres, num embaraçoso entrave da política de devolução de poderes locais levada a cabo por Tony Blair. Ontem, no entanto, as divergências pareciam mero resquício do passado: Paisley e McGuinness, outrora inimigos públicos declarados, eram só sorrisos e até fizeram piadas com Blair em frente às câmeras.

O novo ministro-chefe, cujo partido há até alguns meses não admitia dialogar com o Sinn Féin, tendo se recusado a participar das negociações do acordo de paz que em 1998 criou a primeira grande aproximação entre unionistas e republicanos, disse que a reabertura do Parlamento foi o começo de uma jornada rumo à paz.

— Peço ao povo norte-irlandês que aceite o desafio de fazer de nosso país um lugar em que todos os homens e mulheres serão iguais perante a lei — disse Ian Paisley, de 81 anos, e cuja chance de entrar para a história da Irlanda do Norte de maneira positiva foi considerada por muitos especialistas como uma das razões para sua mudança de posição.

Blair não escondeu a satisfação com o sucesso

das negociações iniciadas por seu antecessor, o conservador John Major, mas que só ganharam força no seu governo. O acordo surge como o grande ponto positivo de seus dez anos de governo, manchados pela invasão do Iraque.

— Esta é a chance para que a Irlanda do Norte escape das correntes da História e construa novos capítulos. Houve quem criticasse nossos esforços nessa questão, mas fazer política também inclui algum tipo de compromisso em prol de um objetivo maior, ainda que sujemos as mãos — disse Blair, numa alusão às críticas sofridas quando reabriu conversações com o Sinn Féin e o IRA, em 1997.

República da Irlanda comemora coalizão

• Mais tarde, o premier disse ter ficado emocionado durante a cerimônia. O primeiro-ministro da República da Irlanda, Bertie Ahern, saudou o esforço do colega britânico e comemorou o acordo. Curiosamente, a estabilização da Irlanda do Norte poderá criar problemas para o político, já que as atenções do Sinn Féin agora se voltarão para o aumento de sua influência política em Dublin, às custas do partido de Ahern, nas eleições gerais de 24 de maio. Outra presença ilustre na cerimônia em Stormont foi a do senador americano Ted Kennedy, de origem irlandesa. Embora não muito alardeada, a atuação dos EUA no processo de paz foi importante, sobretudo depois que colônia irlandesa nos EUA diminuiu seu apoio ao Sinn Féin. ■

Com agências internacionais

Três décadas de conflito

DRAMA NORTE-IRLANDÊS

IRLANDA DO NORTE

REPUBLICA DA IRLANDA

REINO UNIDO

Escócia

País de Gales

Inglaterra

Área: 3.843 km²

População: 1.710.300

PIB: US\$ 33,2 bilhões

PIB per capita: US\$ 19.603

Moeda: Libra esterlina

- Já provocou mais de 3.700 mortes e tem origens políticas e religiosas que remontam ao século XVII, quando a Inglaterra começou o grande movimento de colonização protestante sobre a maioria católica
- Em 1922, a ilha foi dividida em Irlanda (sul, católica) e Irlanda do Norte (protestante) — o que foi rejeitado pelos católicos, intensificando o separatismo
- O auge do conflito foi nas décadas de 70 a 90
- Enquanto o IRA realizava diversos ataques na Inglaterra e na Irlanda do Norte, inclusive contra civis, paramilitares protestantes unionistas atacavam católicos
- A polícia e o Exército britânicos tentavam manter a ordem, mas são suspeitos de apoiar grupos paramilitares contra católicos
- Um episódio marcante foi o Domingo Sangrento, em 1972, quando soldados britânicos abriram fogo contra uma marcha pacífica de católicos por direitos civis, matando 13
- A instalação de um governo compartilhado é prevista no Acordo da Sexta-Feira Santa, de 1998, e concretizada no ano seguinte após eleições para o Parlamento local. No entanto, o governo foi suspenso em 2002, devido a problemas no desarmamento do IRA, e a Irlanda do Norte voltou a ser administrada por Londres
- No início de março, a população local foi novamente às urnas para escolher representantes para o Parlamento, e o DUP e o Sinn Féin surgiram como partidos com mais representantes



Atentado em Derry deixou 29 mortos em 1998

O risco da balcanização

Walter Oppenheimer

• Unionistas e republicanos formaram um governo conjunto, mas isso não os obriga a renunciar a seus objetivos a longo prazo: para os primeiros, continuarão unidos ao Reino Unido; para os segundos, a unificação da Irlanda.

Entre os segundos está o atual governo da República da Irlanda, do Fianna Fail, que pretende que algum dia haja um referendo que aprove a reunificação das duas partes da ilha dividida. No entanto, num encontro realizado na semana passada, em Dublin, com vários jornalistas europeus, o ministro irlandês de Relações Exteriores, Dermot Ahern, admitiu que ainda "passará muito tempo antes que se contemple a possibilidade de um referendo".

"Ainda há muita desconfiança. Ainda há sectarismo em muitas zonas da Irlanda do Norte. Ele é endêmico de ambas as partes. Um dos assuntos com os quais teremos que ter mais cuidado é que este novo Executivo não seja, na prática, um fator de divisão, de maneira que acertem entre eles que o Sinn Féin somente se ocupe das zonas nacionalistas e o DUP apenas das zonas unionistas. Seria

como balcanizar a paisagem", acrescentou o ministro Ahern.

Há formas, no entanto, de prevenir uma balcanização da ilha, sobretudo a tutela de Londres e Dublin e a cooperação além das fronteiras através dos órgãos criados nos acordos da Sexta-Feira Santa, "que se reunirão para tratar de matérias como turismo, estradas, promoção do comércio e outros temas que afetam toda a ilha".

O ministro recordou que um dos aspectos-chave da paz é a renúncia da Irlanda à sua reclamação territorial sobre o norte da ilha, aceitando que a unificação só é possível se for respeitada a minoria unionista.

"John Hume (antigo líder nacionalista moderado) teve um papel especialmente relevante em sua época ao enfatizar que o importante não era unir o território da Irlanda, mas sim o povo da Irlanda. Seus esforços tiveram influência em meu próprio partido. O acordo de paz é aceito por todos, mas houve uma época na República em que havia divisões sobre como se devia proceder", concluiu o ministro.

WALTER OPPENHEIMER é colunista do El País